

# Tapirapés, os índios que choram

TÚLIO SOUZA MUNIZ

Os tupinambás eram o maior dos povos tupi da América do Sul. Habitavam todo o litoral brasileiro e foram dizimados, até a extinção, no período de conquista do continente. O que restou dos tupinambás está em relatos de jesuítas ou viajantes aventureiros. O traço vivo do que resta deste povo está na comunidade tapirapé no Mato Grosso, com quem o Museu do Índio da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) mantém contatos há cinco anos.

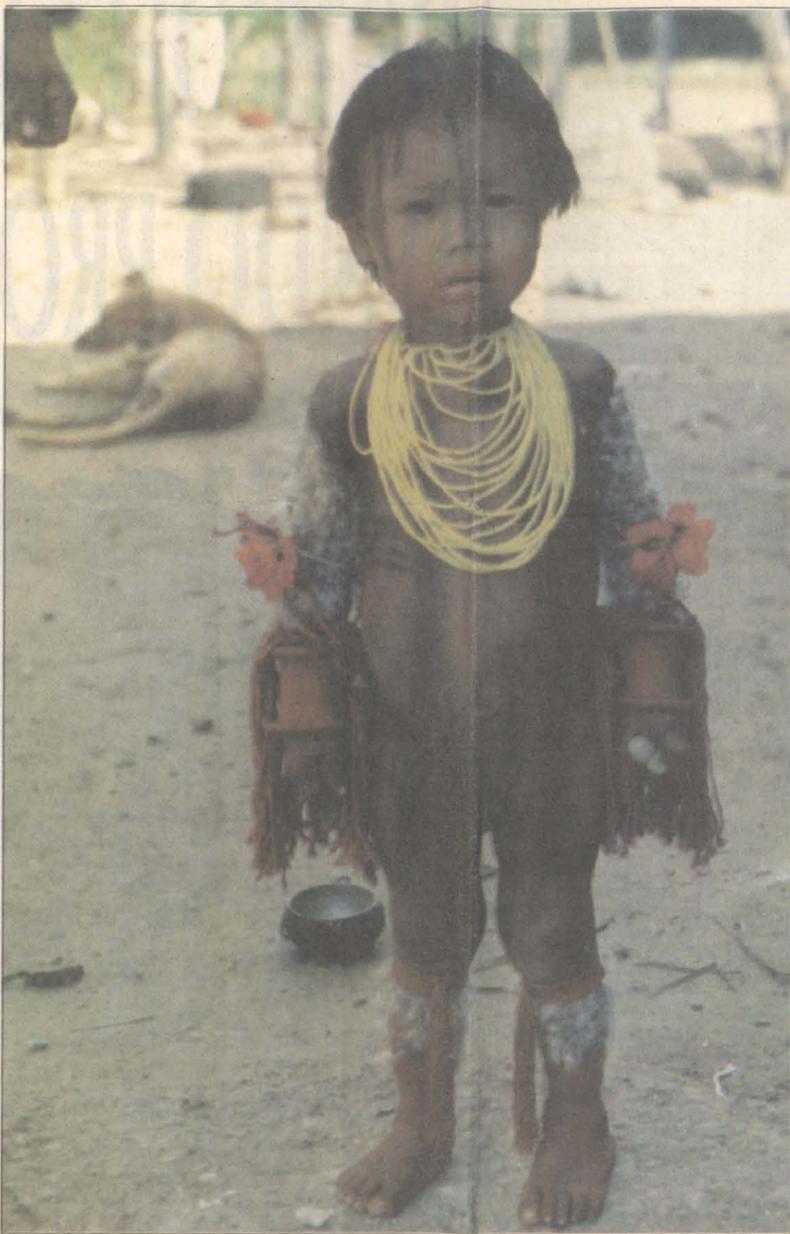
Segundo o antropólogo Charles Wagley, da Universidade de Columbia (EUA), os tapirapés descendem dos tupinambás por conservarem o costume de receber, com lágrimas, todo ente querido que retorna de uma longa ausência. Só os tupinambás faziam isso, atestou o antropólogo que morou 15 meses com os tapirapés, entre 1939 e 1940, décadas antes de eles quase desaparecerem. Atacados pelos kayapós, em 1947, apenas 51 tapirapés sobreviveram e foram persuadidos pelo Serviço de Proteção ao Índio (o SPI, antecessor legal da Funai) a montar sua reserva.

## Urubu Branco

Os tapirapés hoje se encontram às margens do rio Araguaia, distantes da serra do Urubu Branco, área original de seu povo, no interior do Norte matogrossense.

O Museu do Índio da UFU pretende intensificar o contato com os tapirapés, no momento que a comunidade tenta reaver suas terras originais, vendidas pelo governo federal, como foi o caso da maioria das terras indígenas, inclusive a dos maxacalis, aqui em Minas.

A coordenadora do museu, antropóloga Lídia Maria Meireles, visitou a comunidade, em 1991, organizou uma mostra de artefatos e fotografias e capitaneia apoio para um projeto sobre a música tapirapé. O museu também apóia o movimento dos tapirapés para reaver a área da serra do Urubu Branco, ocupada por 65 membros da comunidade desde novembro do ano passado.



As crianças tapirapés, aqui ornamentada após o desmame, representam 70% da comunidade indígena

## Confronto entre mata e pasto

Ao chegar à reserva tapirapé é nítido o confronto da mata com o pasto que, aos poucos, devora a floresta amazônica no Mato Grosso e no Pará. Uma extensa linha verde forma-se no horizonte na divisa da reserva com os pastos da Tapiraguáia, uma das várias empresas fundiárias que surgiram no processo de expansão das fronteiras nacionais. Com população relativamente baixa, a comunidade tapirapé sobrevive basicamente da pesca e de culturas. Mas hoje, quando é intenso o contato com a população não indígena, os índios necessitam de instrumentos industrializados e, principalmente, dinheiro.

No início deste século estimava-se que os tapirapés chegavam a 1.500, número que só deve ser atingido novamente em 2010, pelas previsões da Funai. Além de reaver suas terras originais, eles pretendem assegurar espaço para seus descendentes, matas que estão sumindo, infelizmente, entre pastos e canaviais.

Maniaki é um índio tapirapé com mais ou menos 60 anos. Pajé especializado em dores de cabeça e barriga, feitiço ele não tira. "Se tem feitiço, mão esquerda trema, avisa, e eu mando pra quem tira", conta Raimundo Maniaki, um dos que sobreviveram aos kayapós e à ocupação de boa parte das terras de seu povo pela população não indígena.

## Leandro e Leonardo

Com a dispersão dos tapirapés, na década de 50, muitos de seus costumes se perderam, inclusive a feitiçaria. Maniaki aprendeu o que sabe com os kamayoras, povo tupi (como os tapirapés) que vive no Xingu. Hoje, com uma população em que 70% são crianças e adolescentes, a comunidade tapirapé foi gradualmente influenciada pela

cultura não indígena, a ponto de os jovens preferirem "hits" sertanejos à música original de seu povo.

Apenas um dos tapirapés, com cerca de 70 anos, sabe todo o repertório cerimonial de seu povo. Enquanto esse tapirapé, Marcos Imanay, lamenta, crianças com menos de cinco anos correm pela aldeia cantando letras de Leandro e Leonardo ou Zezé de Camargo e Luciano. "Tapirapé não quer mais aprender", diz ele. É através música tapirapé que o Museu do Índio pretende retomar os contatos com a comunidade.

A intenção é apoiar projeto de monta de acervo da música tapirapé. Assim a música não se perderia e os jovens poderiam aprendê-la na própria comunidade, onde existe uma escola há mais de 15 anos. Lídia Meireles justifica: "O testemunho de uma sociedade pode nos contar a respeito dos que a produziram, sobre suas relações sociais, econômicas e políticas, seus valores e crenças".

## Política

O projeto do museu coincide com a presença de um mineiro na Presidência da Comissão de Minorias da Câmara, o deputado federal por Uberlândia, Zaire Rezende (PMDB). Desde que assumiu a função Zaire bate na tecla de se elaborar uma política indígenista desde que "se ouçam as comunidades indígenas".

Mas o próprio deputado tem consciência dos obstáculos impostos no plano legislativo. Tanto que concluiu, numa reunião com lideranças indígenas de todo o País em junho: "O fato é que os povos indígenas põem em cheque as concepções monolíticas, cristalizadas e simplificadoras do exercício político no Brasil".

## Classificados Ecológicos

### CULTO À VIDA

Boa qualidade de vida = água limpa + ar puro • Água limpa em Minas = Rio das Velhas • Em vez de sujar, vamos limpar • Ar puro = árvore • Em vez de cortar, vamos plantar.



HOTEL FLORESTA MÁGICA

BEKA BRASIL

### Seus Olhos Merecem!



INSTITUTO HILTON ROCHA

AV. ANEL DA SERRA, 1355 (031) 225-1066

### O Jardim dos seus sonhos



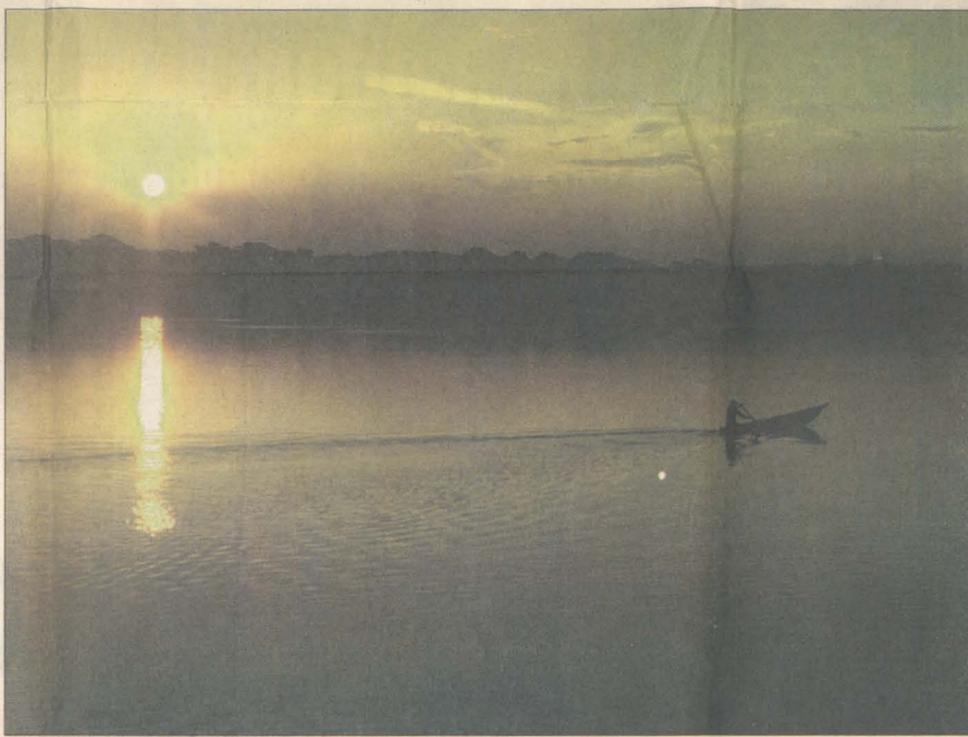
Rodovia Fernão Dias, Km 16, Betim, MG. (031) 531-1163

## Índio não quer comer capim

Domingos Xanio (pronuncia-se Tachaniu), cacique em Urubu Branco, justifica com simplicidade o motivo da ocupação das terras: "Nós precisamos de mata para nossas lavouras e estão derrubando ela". As derrubadas são feitas pelas empresas latifundiárias que adquiriram extensas áreas da região Norte, nas últimas décadas, para produção de álcool e criação extensiva de gado de corte.

Com a retirada dos tapirapés de sua terra pelo SPI, o Urubu Branco (ou *tampiitawa*, que em tapirapé quer dizer: lugar onde urubu branco bebe água) também foi vendido. Mesmo distantes da área, os índios a visitavam todos os anos. Agora eles recrudesceram por dois motivos: a mata diminui e o pasto toma o lugar onde seus antepassados foram sepultados. "Nós não comemos capim. Precisamos da terra", afirma Xanio.

O processo de ocupação não é tranquilo. Embora a Funai já tenha visitado o lugar e estuda-



Quando as águas do rio Tapirapé são iluminadas pelos últimos raios solares, o índio pescador volta para sua aldeia

do a demarcação, os tapirapés reclamam da presença constante de jagunços rondando o lugar. Legalmente a área não é dos índios e os proprietários

tentam não perdê-la. "De lá a gente não sai mais", afirma Xanio, que tem ciência do "banho maria" com que a Funai trata tais casos: "Já nos avi-

saram que só falta o ministro da Justiça assinar, mas também disseram que isso só acontece quanto tiver novo presidente", ele completa.

## ESTADO ECOLÓGICO

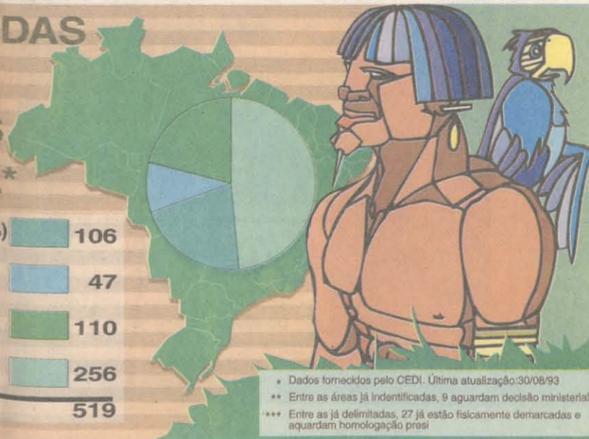


Toda lua-cheia no ESTADO DE MINAS

## SITUAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL\*

Sem Providências (20,5%)	106
Indentificadas (9%)**	47
Delimitadas (21,2%)***	110
Homologadas e Regularizadas (49,3%)	256
<b>Total</b>	<b>519</b>

PAULO MIRANDA - EDITORIA DE ARTE



\* Dados fornecidos pelo CEDI. Última atualização: 30/08/93  
\*\* Entre as áreas já indentificadas, 9 aguardam decisão ministerial  
\*\*\* Entre as já delimitadas, 27 já estão fisicamente demarcadas e aguardam homologação pros

Segundo a Comissão de Minorias da Câmara, cerca de 115 povos obtiveram sucesso no processo de reconquista de terras originais, como tentam hoje os tapirapés. Segundo a Funai, 283 áreas indígenas são demarcadas, mas 256 outras áreas não tiveram esse processo concluído. Os números da Funai, porém, são contestados pelas ONGs. Segundo o Núcleo de Direitos Indígenas, a situação das demarcações estaria assim, como mostra o gráfico ao lado, nos últimos 12 meses: